

Apresentação desde o Conselho Geral

Pe. Javier Aguirregabiria

TRES OLHARES SOBRE O CAMINHAR DA FRATERNIDADE

Vamos iniciar com uma imagem: a Fraternidade é uma filha da Ordem que tem diferentes idades e sensibilidades segundo o lugar e o momento em que nasceu; carrega os mesmos genes que a Mãe e que Calasanz, e está chamada a ser uma pessoa: entidade adulta que também vive, encarna e se corresponsabiliza do carisma escolápio hoje, mantendo viva a espiritualidade, missão e vida escolápias.

Este fato pode ser olhado desde diferentes óticas, e assim o vamos a fazer agora: desde o ponto de vista da Ordem, do ponto de vista da própria Fraternidade e, também, desde a missão à qual Deus nos chama.

A Fraternidade nasce quando percebemos, religiosos e leigos, de forma institucional, que temos o mesmo carisma, que compartilhamos o mesmo espírito que iniciou Calasanz, que somos família com vocações distintas, com realidades diversas e complementares. A Fraternidade nasce quando a Ordem descobre que deu à luz uma nova realidade escolápia, quando a Fraternidade vê na Ordem a Mãe que lhe deu uma vida própria e plena.

Uma mãe ou um pai começa a sê-lo quando tem um filho. Os pais fazem o filho e o filho transforma à mulher em mãe. É um processo simultâneo de novidade e de vida. Esta imagem nos pode ajudar a viver plenamente o momento em que nos encontramos e a tomar consciência de que a Ordem está mudando ao ser Mãe e a Fraternidade ao ser filha.

1. Um olhar desde a Ordem

A Ordem nunca foi, nem é hoje, estéril; sempre teve filhos... religiosos que seguem os passos de Calasanz, obras escolápias que estão transformando a vida das pessoas e dos lugares... e, claro, milhares de colaboradores, benfeitores e participantes das obras escolápias.

Gerar nova vida sempre leva tempo e processo. Do início da primeira escola em Santa Doroteia (1597) até o nascimento da Congregação (1617) ou da Ordem (1621), tiveram que passar anos, aventuras, diversas tentativas e *“o afortunado atrevimento e a persistente paciência de São José de Calasanz”*.

A família calasância (1792) também tem sido uma expressão de fecundidade do Espírito em Calasanz. E a vida e a colaboração em esta família de Calasanz nos recordam a capacidade de gerar vida calasância em todos os tempos e de formas bem válidas e novas, ainda depois de muitos anos.

Também está sendo um fruto muito fecundo que está transformando nossa Ordem o início em América (Guanabacoa, Cuba, em 1857); em Ásia (Japão, 1950) e em África (Senegal, 1963). Estas opções e estas novas Escolas Pias dão mais vida à Ordem e à sua missão no mundo; ao mesmo tempo, a vão transformando, nos permitindo continuar vivos depois de mais de 400 anos, graças ao Espírito que nos segue animando.

Estamos agora em um novo momento de maternidade da Ordem: Desde Calasanz, o laicato sempre participou nas Escolas Pias, inclusive no que hoje chamamos “comunidades conjuntas”, desde o início. As Escolas Pias

sempre foram impensáveis, e hoje também, sem a colaboração de milhares de educadores, catequistas, voluntários, benfeitores, participantes de todo tipo.

Desde o Concílio Vaticano II, desde o Capítulo Geral Especial (1969), aconteceram muitas iniciativas para dar mais entidade e liderança ao laicato. Nas últimas décadas se destaca a importância do primeiro documento sobre a Fraternidade (1988); o documento-marco do laicato, onde se apresenta a modalidade da integração carismática e a Fraternidade (Capítulo Geral, 1997); o novo documento “A Fraternidade das Escolas Pias” e o início oficial da Fraternidade Geral (2011); e o “Diretório de Participação” (Capítulo Geral, 2015); através de tudo isso foi se dando reconhecimento a estes novos filhos e filhas das Escolas Pias na Fraternidade.

Esta nova filha da Ordem, a Fraternidade, já tem nascido. Em alguns lugares conta com mais de 25 anos, em outros está a ponto de nascer, e em outras Demarcações ainda é uma perspectiva pouco cercana. Mas, apesar das diferentes situações, já nasceu e segue crescendo. O assunto agora é ver como vamos acompanhá-la para que chegue a ser adulta, autônoma, bem identificada e formada no carisma escolápico; ...ou a não ser que a queiramos abandonar.

É grande a diversidade da Fraternidade:

- Em algum lugar não terminou de nascer, depois de imensos processos de gestação...
- Em outros espaços nasceu por iniciativa de algum religioso, sem acolhimento da família religiosa inteira, e já morreu.
- Às vezes nasceu antes de tempo, débil demais em sua formação e em suas opções como para conseguir ter uma vida sadia. Às vezes nasce sem ter preparado um quarto para viver, um plano de educação, um sonho... e está em situação crítica, da qual pode renascer ou morrer.
- Na maioria dos casos, graças a Deus e ao trabalho das Demarcações e de muitas pessoas, nasce como um projeto aberto, acompanhado e assumido corresponsavelmente pelos religiosos e leigos.

É bom lembrar que “para educar uma criança é preciso a tribo inteira”; assim também o é para a Fraternidade.

A Ordem e cada Província devem ser muito conscientes de que ter uma filha como a Fraternidade é gerar nova vida, uma filha de toda a Demarcação e da Ordem (não é iniciativa só de alguns religiosos), que vai complicar nossa vida, que vai nos questionar... e que vai nos trazer mais felicidade e futuro. É abrir um caminho maravilhoso e nada fácil: é um presente envenenado, que nos compromete a todos. Começará sendo uma menina que precisará de muitas horas de dedicação, depois uma adolescente buscando seu espaço, a seguir uma jovem com muita vida, e uma adulta que carregará nossos genes desde outra identidade. A Fraternidade há de ser uma filha querida, escutada, formada, que vai se tornando adulta... porque está chamada a ser outra realidade, vinculada mas diferente da Ordem que lhe deu a vida.

A maternidade responsável nos conduz à criação da Fraternidade como decisão provincial de gerar nova vida, um novo sujeito escolápico que, junto com a Província, encarna e se corresponsabiliza do carisma escolápico. E para isso devemos ter um bom projeto educativo, um bom lugar preparado para ela, um processo de acompanhamento (para o qual contamos com a experiência de outras fraternidades e do Conselho da Fraternidade Geral). Na medida do possível, e no momento em que cada Província estiver pronta, contando com um grupo de leigos disposto a percorrer o caminho, haverá que dar o passo de começar também aí a Fraternidade. Não é questão de inventá-lo tudo, senão de nos prepararmos e contar com as ajudas possíveis. O

Conselho da Fraternidade Geral publicou recentemente um livro pensado para as Províncias e Fraternidades, para os que desejem iniciá-la e para os que necessitam seguir dando passos¹.

Iniciar uma Fraternidade é uma questão de amor, de estar apaixonado pelo Espírito que quer dar nova vida, estar em comunhão com todas as pessoas que impulsionam a missão e querem compartilhar mais, é estar apaixonado por este presente da Fraternidade que o Senhor nos dá... Não podemos esquecer que a vida sempre vem, através dos pais, do mesmo Deus.

Precisamos sair de nossa zona de conforto, nos abrir a esta realidade que já nasceu, nos enriquecermos com o complemento próximo da vocação laical que nos ajuda a viver nossa vocação religiosa e sacerdotal, deixar que o Espírito nos fale através desta filha que está chamada a ser irmã da Ordem; estar abertos, como Calasanz e Maria, ao que o Senhor nos possa pedir... e tudo isso com a confiança e a alegria de saber que é um sinal dos tempos e um presente de Deus que vai facilitar nossa missão educativa, evangelizadora e transformadora... e nossa vida.

Sem dúvida, na Ordem e em cada Província, temos um importante tarefa de tomar consciência dessa nova maternidade e de criar e ajudar a crescer a Fraternidade.

2. Um olhar desde a Fraternidade

As onze fraternidades atuais têm olhares muito diferentes, em função de sua idade (alguma está cerca de seu nascimento, outras têm já mais de 25 anos), em função de seu percurso e formação prévia, em função de sua situação na Província e na realidade eclesial que vivem, em função do perfil da maioria de seus membros, ou em função dos passos que foi dando...

Com essas diferenças, é lógico que não exista um olhar único; o mesmo ocorre nas diversas Demarcações da Ordem. Mas sim existe um olhar próprio desde a Fraternidade Geral, da mesma forma que existe desde a Ordem. E a esse olhar de Fraternidade vamos nos referir.

A Fraternidade está chamada, como filha da Ordem desde sua integração carismática, a ser um novo sujeito escolápio, uma realidade adulta que viva plenamente o carisma escolápio desde sua vocação específica como leigos (a maioria) ou de vida consagrada (os religiosos que participam diretamente na Fraternidade). Esse é o horizonte ao qual está chamada: é o que chamamos “vocação comum”.

O ponto de partida em que se encontram as Fraternidades é diferente; e por isso, o caminho a ser percorrido é próprio de cada Fraternidade.

Em alguns casos, a Fraternidade nasce como desembocadura natural de processos educativos e pastorais de longa trajetória, como na atualidade é o Movimento Calasanz. Nessa situação é grande o caminho percorrido de encontro com Jesus, de identificação escolápio, de formação dos elementos fundamentais da própria vida e da fé, de descoberta e assunção da vocação de cada um...

Às vezes, a Fraternidade nasce de processos mais breves de formação como educadores, de equipes de missão compartilhada, de grupos de espiritualidade calasância, de colaboração prolongada na missão escolápio... normalmente são pessoas de idades mais adultas. Existem muitos passos dados e deverão ser complementados com outros que sejam necessários.

¹ Javier Aguirregabiria. “Pasión por la Fraternidad”. Ediciones Calasancias. O encontramos em: https://edicionescalasancias.org/wp-content/uploads/2020/05/Pasi%C3%B3n_por_la_Fraternidad_ebook.pdf y en https://edicionescalasancias.org/wp-content/uploads/2020/05/Pasion_por_la_Fraternidad_ebook.epub



Em alguma ocasião, pode surgir a Fraternidade como um convite a pessoas próximas ao mundo escolápio que estão reclamando, de alguma maneira, a vontade de querer dar um passo a mais. Podem ser grupos mais diversos em sua composição e com necessidade de um processo mais completo.

Em qualquer caso (com certeza que existem outras experiências iniciais), trata-se da descoberta da vocação de seguir a Jesus desde o estilo escolápio. É sentir-se, de alguma forma, filho da Ordem, apaixonado pela vida, espiritualidade e missão escolápias. É querer compartilhar em pequenas comunidades associadas o carisma escolápio e a corresponsabilidade de manter vivo, junto com a Ordem, o espírito de Calanzan, no momento e no lugar em que nos encontramos. É ir descobrindo, de forma progressiva, que somos um novo sujeito escolápio, com o mesmo ADN da Ordem, chamados a ser adultos e a impulsionar as Escolas Pias onde exista espaço para as diversas formas de participação, sem perder a especificidade de cada um (como Ordem Religiosa ou como Fraternidade).

Isto supõe, como o processo de cada pessoa, ir crescendo em formação, em identidade, em autonomia, em responsabilidade, em capacidade de colaborar... mantendo sempre o amor filial à Ordem que lhe transmitiu a vida escolápia e sendo muito consciente de que deve ir assumindo também uma vida plenamente adulta.

Nos primeiros passos, como toda criança, deverá deixar-se guiar. Sempre mantendo o respeito e o carinho por sua mãe. Ao mesmo tempo, irá assumindo progressivamente sua própria personalidade e decisões. E nunca há de esquecer que é filha e família da Ordem... e do Espírito que também chamou vocacionalmente a cada membro.

Dar passos para a idade adulta se expressa em muitas atitudes e comportamentos:

- Ir superando a atitude adolescente de quem se crê com direitos, mas sem obrigações.
- Ir ganhando em autonomia econômica e em decisões como Fraternidade.
- Ir criando o próprio estilo de espiritualidade escolápia, como leigos em Fraternidade.
- Ir crescendo em disponibilidade para o que possa pedir a Fraternidade e a missão escolápia.
- Ir compartilhando, cada vez mais, o tempo, o dinheiro e as decisões de vida na Fraternidade.
- Ir contribuindo com propostas e com dedicação para a missão escolápia e para as Escolas Pias.
- Ir avançando em fidelidade ao longo do tempo.
- Ir assumindo os acordos e linhas que sejam tomados pela Fraternidade.
- Ir organizando melhor a Fraternidade para dar resposta ao carisma escolápio confiado.
- ...

Quando uma Fraternidade vai avançando e se dotando de um Conselho que assume mais funções e de uma equipe de animadores que vela pelo cuidado de cada pessoa, quando vai dando passos significativos (opção definitiva, mobilidade comunitária, envios, ministérios escolápios, comunidades conjuntas, escolápios leigos, encargos e responsabilidades, participação em Itaka-Escolápios,...), quando cuida da convocação de novos membros para as diversas vocações escolápias, quando busca a colaboração pessoal e conjunta da Ordem, quando cresce em sensibilidade com as Escolas Pias de todo o mundo,... então a Fraternidade está crescendo em amadurecimento.



De novo convém recordar aquela publicação, “Paixão pela Fraternidade”, como pista para adquirir esse olhar - cada vez mais profundo- desde a Fraternidade.

Cada Fraternidade tem que ir dando esses passos da infância para a adolescência, para a juventude e para a vida adulta, da mão da Província y, sobretudo, da mão da própria Fraternidade Geral. Aqui surge um desafio importante e particular par cada Fraternidade e para cada um dos seus membros.

3. Um olhar desde a missão confiada por Calasanz, pela Igreja e pelo Espírito, hoje

São interessantes e complementares os dois olhares, desde a Ordem e desde a Fraternidade. Mas o olhar mais importante é aquele que nos leva a discernir a que somos chamados pelos que participam em nossa missão escolápia (crianças, adolescentes, jovens, pessoas necessitadas, presenças onde nos encontramos); o que nos pede hoje Calasanz?; a que somos enviados em nossa Igreja?; e, sobretudo, por onde nos quer conduzir o Espírito?

Hoje, e sempre, a missão escolápia é imensa. Milhões de crianças sem escolarizar, adolescentes e jovens necessitados de propostas de vida, pessoas necessitadas em todos os países, chamadas da Igreja e da sociedade para criar novas presenças e obras escolápias, jovens e adultos desejando receber o chamado para serem escolápios...

É evidente que a “messe é muita e os braceiros são poucos”; que todas as mãos são necessárias, todos os corações, todas as vocações...

Ordem e Fraternidade, assim como as outras formas de participar nas Escolas Pias, devem trabalhar de mãos dadas para responder a tantas chamadas da missão escolápia.

E para isso será muito importante não confundir missão com as diversas vocações; não pretender diluir as duas entidades em uma delas ou em algo difuso. A Ordem deve seguir sendo ela mesma, como uma realidade formada pelos religiosos e com sua própria vida. A Fraternidade tem que chegar a ser ela mesma, como uma entidade com vida própria. Mas isso sim, sabendo que ambas entidades estão compartilhando -desde duas vocações bem diferentes e complementares-, o mesmo carisma e que podem compartilhar muitos elementos de espiritualidade, vida e missão; são a mesma família carismática.

São dois sujeitos diferentes, com os mesmos genes, que compartilham muito desde a própria identidade. Podemos nos ajudar muito. Podemos caminhar juntos. Para evitar que nos separemos será importante compartilhar os elementos que vejamos convenientes: espaços e momentos compartilhados, religiosos que pertencem à Fraternidade, leigos e leigas que se integram juridicamente na Ordem como escolápios leigos, ministérios escolápios compartilhados, envios conjuntos, a Comunidade Cristã Escolápia, as comunidades conjuntas... e muito mais. O modelo de presença nos diferentes âmbitos (local, provincial) é um bom marco para situar também tudo isso; e aqui temos, sem dúvida, uma das linhas de futuro que devemos ir percorrendo.

Um apartado especial merece a Rede Itaka-Esolápios. A Ordem tem sua vida própria e muitas obras que são de sua competência e responsabilidade. As pessoas da Fraternidade poderão colaborar, assumir funções que lhe sejam confiadas... mas sabendo que são projetos da Ordem, onde os leigos podem ter a voz e a participação que a Ordem lhes oferecer em cada caso. E isso está ótimo. E pode e deve seguir.

A Fraternidade também poderia ter obras próprias, mas -até agora-, sua opção foi de não fazê-lo assim, senão de trabalhar sempre em projetos compartilhados com a Ordem. Esta é uma opção muito valente que vale a pena destacar e manter: é uma aposta por renunciar ao que é próprio para agir junto com a Ordem. E para isso nasceu

Itaka-Escolápios como uma Rede internacional na qual Ordem e Fraternidade compartilham o que desejam em cada momento, sempre com uma responsabilidade compartilhada.

A Ordem tem a possibilidade, por meio dos acordos anuais, de acrescentar ou deixar de compartilhar os projetos e as obras que dependem dela, em quanto a Fraternidade renuncia a ter um espaço próprio (titularidades e propriedades), porque está convicta de que a realidade de Itaka-Escolápios irá ganhando o coração de todos e vai mostrar que é um caminho integrador, respeitoso com ambas as entidades e capaz de oferecer crescimento à Ordem e à Fraternidade, desde o espaço compartilhado e desde o reconhecimento da autonomia de cada entidade.

Uma análise objetiva da história da Rede Itaka-Escolápios permite ver que é muito o que foi conseguido em crescimento da Ordem e da Fraternidade, assim como da missão escolápia -que é sempre o horizonte comum-. Nos próximos dias, no IV Conselho Assessor, poderemos apresentar um balanço detalhado disso.

Quando estamos falando do olhar de um mundo que reclama a ação dos escolápios, temos que dizer que a Fraternidade é um presente que abre possibilidades de contar com mais pessoas, de nos enriquecer mais com essa complementaridade vocacional para a missão, de ter a disposição mais recursos de todo tipo (humanos, econômicos, de conhecimento)... Ela é mais que uma oportunidade: é um sinal dos tempos.

E, sobretudo, é uma riqueza para as Escolas Pias e para a Igreja, pois possibilita uma vida religiosa com mais recursos graças à proximidade da Fraternidade, uma vida laical adulta e comprometida com a oferta de viver em Fraternidade, muito perto da Ordem, um modelo de Igreja mais comunitário e corresponsável, uma maneira de viver a fé expressada em diversas vocações e sempre com estilo missionário.

Pode parecer atrevido, mas creio que podemos dizer que hoje a Fraternidade das Escolas Pias, o caminhar conjunto com a Ordem, a realidade Itaka-Escolápios, os frutos que estão surgindo de tudo isso, são um dom do Espírito para viver com maior intensidade o carisma escolápio, para crescer em missão escolápia e para responder aos sinais dos tempos.

Esta Assembleia há de ser, está sendo, um passo a mais para uma Fraternidade Geral cada vez mais adulta e fiel ao carisma escolápio que a Ordem tem reconhecido nela e que o Espírito lhe confiou.

Pedimos essa força do Espírito, a proteção de nossa Mãe Maria e a audácia de Calasanz, para sermos fiéis a esse chamado.